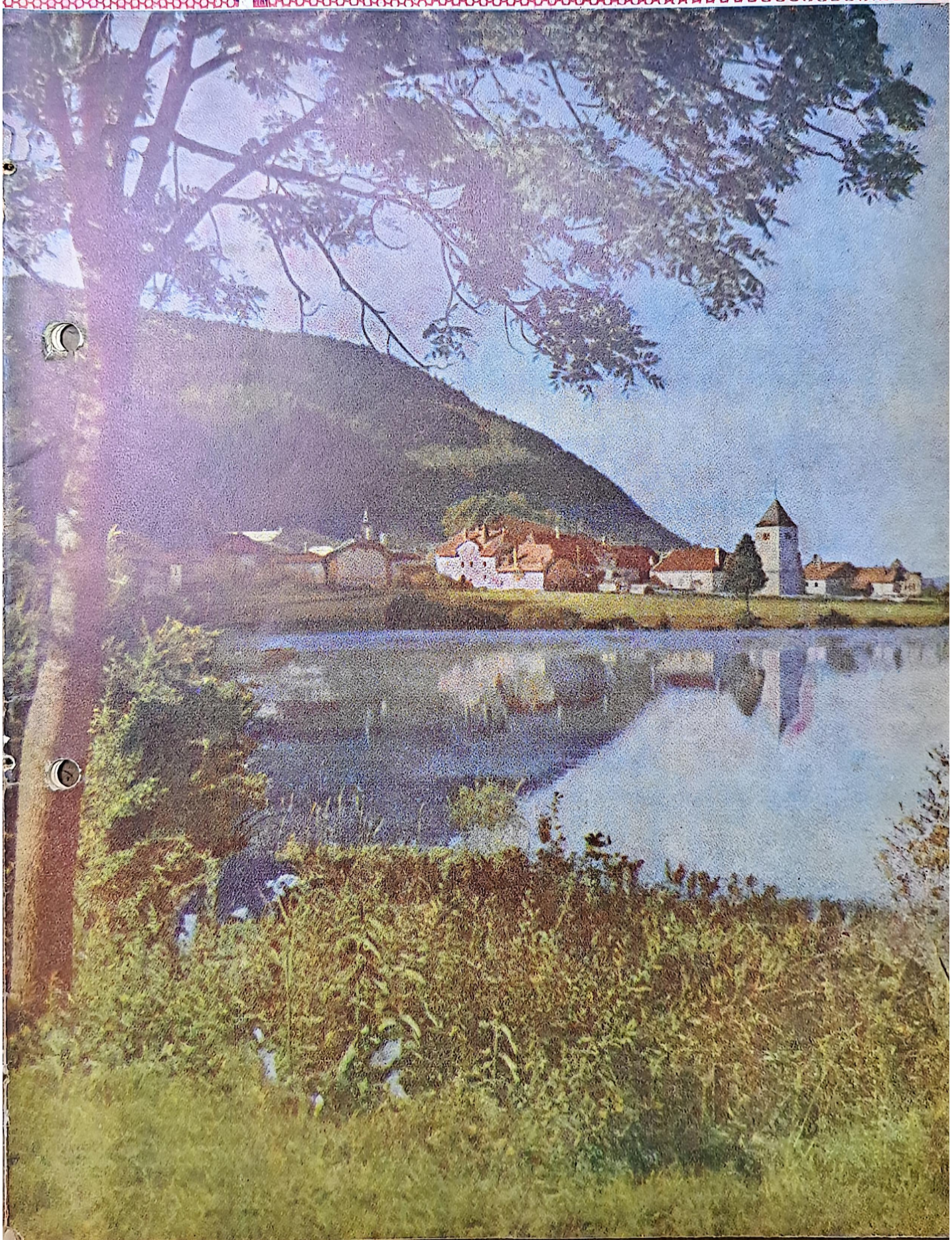
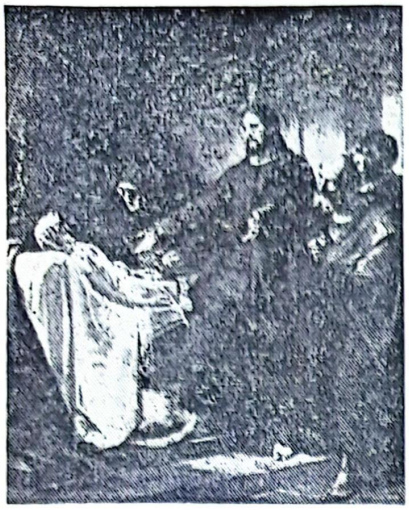
O FIEL Oriental





"SENHOR, SE QUISERES, PODES TORNAR-ME LIMPO"

E. G. White

De tôdas as moléstias conhecidas no Oriente, era a lepra a mais temida. Seu caráter incurável e contagioso, e seu terrível efeito sôbre as vítimas, enchiam de temor aos mais corajosos. Entre os judeus era considerada um juízo pelo pecado, e daí ser chamada "o açoite", "o dedo de Deus". Profundamente arraigada, inextirpável, mortal, olhavam-na como símbolo do pecado.

O leproso era pela lei ritual declarado impuro. Tudo quanto êle tocasse, estava imundo. O ar era corrompido por seu hálito. Como uma criatura já morta, excluiam-no das habitações dos homens. Uma pessoa suspeita de estar com essa doença, devia apresentar-se aos sacerdotes, os quais deviam examinar e decidir o caso. Se declarado leproso, era isolado da família, separado da congregação de Israel, e condenado a se associar ùnicamente com os que participavam de igual moléstia. Mesmo os reis e os príncipes não eram excetuados. Um monarca atacado dessa terrível doença devia renunciar ao cetro e fugir da sociedade.

Longe dos parentes e amigos, o leproso devia suportar a maldição de sua enfermidade. Era obrigado a publicar a própria desgraça, rasgar os vestidos, e fazer soar o alarma, advertindo a todos para que fugissem de sua contaminadora presença. O grito "Imundo! imundo" vindo em lamentosos tons do solitário desterrado, era um sinal ouvido com temor e repulsão.

Na região do ministério de Cristo achavam-se muitos dêsses sofredores, e ao chegar até êles a notícia de Sua obra, um há, em cujo coração começa a despontar a fé. Se êle pudesse ir ter com Jesus, seria curado. Mas como encontrar Jesus? Condenado como se acha a um pérpétuo isolamento, como se poderá apresentar ao Médico? E curá-lo-á Cristo? Não há de Êste, como os fariseus e mesmo os médicos, proferir sôbre êle uma maldição, e adverti-lo a fugir das moradas dos homens?

Pensa em tudo quanto lhe tem sido dito de Jesus. Ninguém que Lhe buscou o auxílio foi mandado embora. O desgraçado homem decide procurar o Salvador. Conquanto excluído das cidades, quem sabe se não lhe será possível cruzar-Lhe o caminho em qualquer atalho da montanha, ou encontrá-lO enquanto ensina fora das aldeias? Grandes são as dificuldades, mas é esta sua única esperança.

Ficando de longe, o leproso apanha algumas palavras dos lábios do Salvador. Êle O vê pondo as mãos sôbre os enfermos. Vê o coxo, o cego, paralítico, e os que estão a morrer de várias moléstias, erguerem-se com saúde, louvando a Deus pela libertação. Sua fé se robustece. Aproxima-se mais e mais da turba que O escuta. As restrições que lhe são impostas, a segurança do povo, o temor com que todos os homens o

olham, são juntamente esquecidos. Pensa ùnicamente na bendita esperança da cura.

Êle apresenta um repugnante espetáculo. A doença tem feito tremendas incursões, e seu corpo em decadência é horrível de ver-se. Ao avistá-lo o povo recua. Em seu terror, atropelam-se uns aos outros para escapar do contato com êle. Alguns tentam impedi-lo de se aproximar de Jesus, mas em vão. Êle nem os vê nem os ouve. Suas expressões de repugnância não o atingem. Vê tão sòmente o Filho de Deus, ouve ùnicamente a voz que comunica vida ao moribundo.

Avançando para Jesus, atira-se-Lhe aos pés com o grito: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo". Mt 8:2.

Jesus responde: "Quero: sê limpo", e pôe-lhe as mãos em cima.

Imediatamente se opera uma mudança no leproso. Seu sangue torna-se são, os nervos sensíveis, firmes os músculos. A pele de um branco fora do natural, escamosa, peculiar à lepra, desaparece; e sua carne fica semelhante de uma criancinha.

Soubessem os sacerdotes os fatos referentes à cura do leproso, e seu ódio para com Cristo o levaria a dar uma sentença desonesta. Jesus desejava assegurar uma decisão imparcial. Pede, portanto, ao homem que a ninguém conte a cura, mas se apresente sem demora no templo com uma oferta antes que qualquer rumor acêrca do milagre se venha a espalhar.

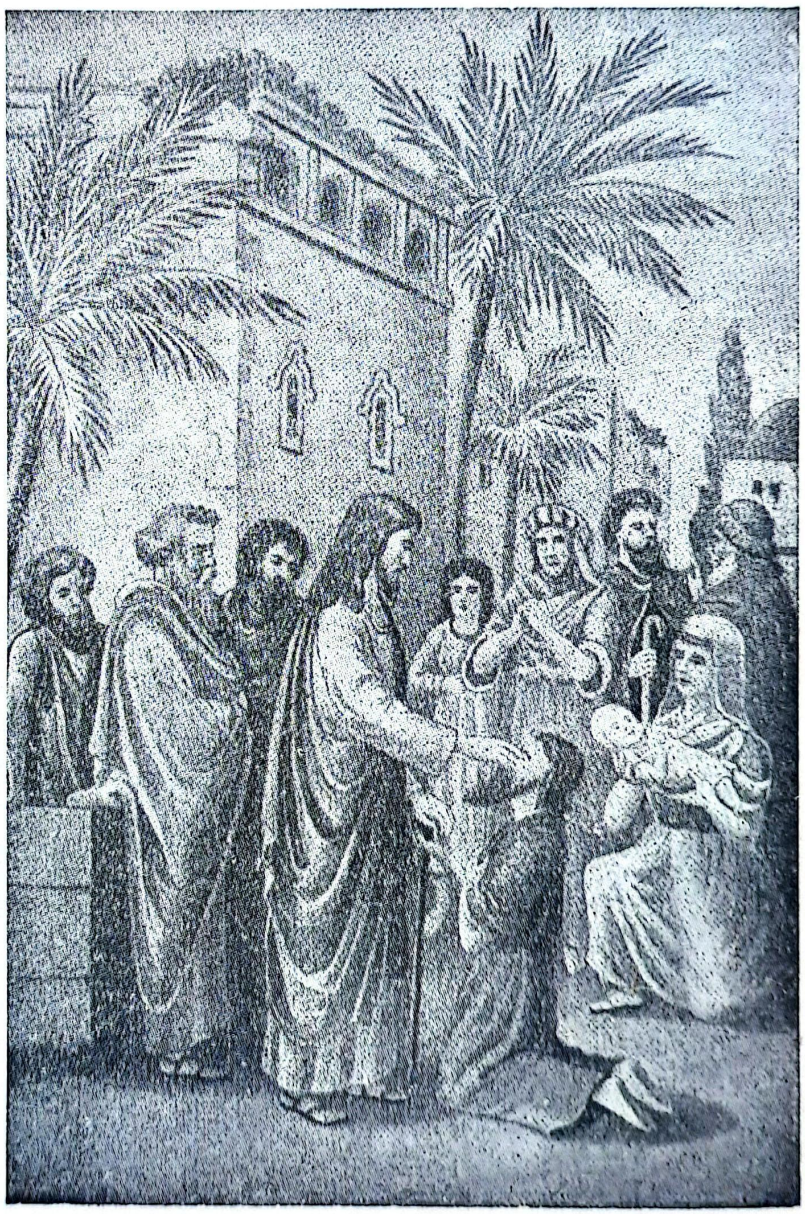
Antes que os sacerdotes pudessem aceitar tal oferta, exigia-se dêles que examinassem o ofertante e se certificassem de sua completa cura.

Êsse exame foi efetuado. Os sacerdotes que haviam condenado o leproso ao exílio, testificaram da cura. O homem restabelecido foi restituído à família e à sociedade. Sentiu que a dádiva da saúde era muito preciosa. Regozijava-se no vigor da varonilidade, e em se ver entre os seus. Não obstante a advertência de Jesus, êle não podia por mais tempo ocultar sua cura, e foi alegremente proclamando em derredor o poder dAquêle que o tinha pôsto são.

Quando êsse homem chegou a Jesus, estava "cheio de lepra". Seu mortal veneno enchia-lhe o corpo todo. Os

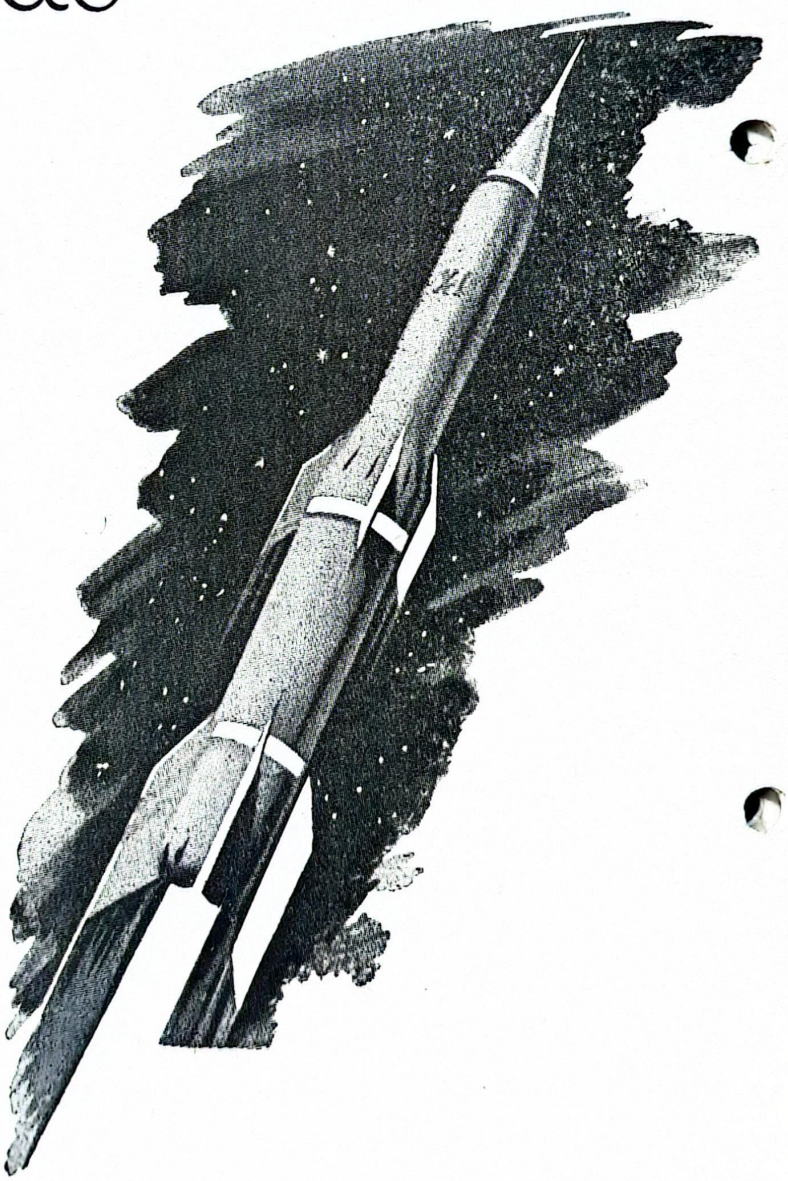
(Cont. na pág. 25)

Êle veio para curar os enfermos



Como Será Conquistado o Espaço?

Alfonsas Balbachas



A conquista do espaço sideral é considerada uma necessidade absoluta

Como outrora nossos bisavôs encaravam a idéia de uma viagem em volta do mundo, dizem muitos entusiastas, encaramos hoje a perspectiva de uma viagem interplanetária, mas, dentro de certo número de anos, garantem, havemos de empreender viagens interplanetárias à guisa de interessantes passeios de férias.

Tanto nos Estados Unidos como na União Soviética vêm-se incrementando trabalhos científicos que visam o envio do homem a outros astros.

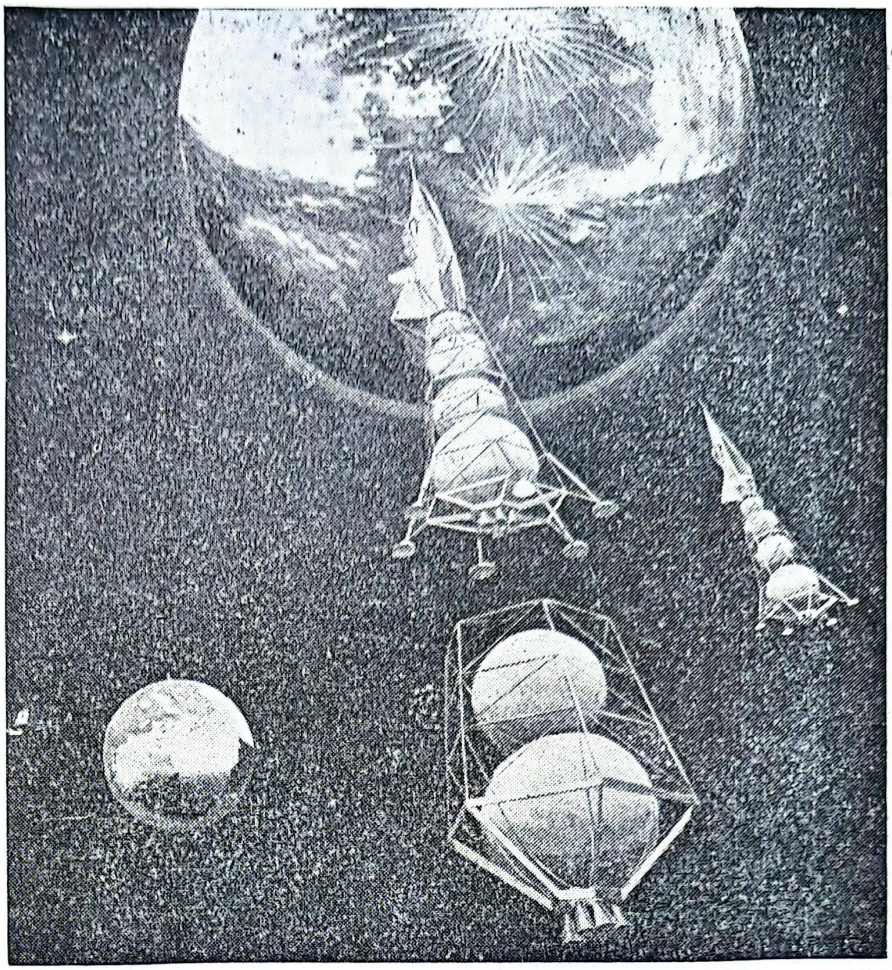
A ciência se multiplicou a ponto de a União Soviética e os Estados Unidos terem feito, ùltimamente, ousados empreendimentos visando a conquista do espaço. Vejamos:

A 4/10/1957 a União Soviética lançou o primeiro satélite artificial, o Sputnik I, de 83,5 kg de pêso; a 3/11/1957 lançou o segundo satélite, o Sputnik II, de 508 kg de pêso.

Os Estados Unidos também enviaram ao espaço alguns satélites: a 31/1/1958 o Explorer; a 17/3/1958 o Vanguard I; e a 26/3/1958 o Explorer III.

Depois disso tanto os russos como os norte-americanos lançaram mais alguns.

A 2/1/1959 a União Soviética lançou o Lunik I, aparelho de duas e meia toneladas de pêso, que, vencendo a fôrça da gravidade, passou a uns 7.400 km da lua, e, deixando-a atrás, continuou o seu vôo no espaço sideral até colocar-se em órbita como décimo planêta do sistema solar.



A Lua, dizem os cientistas, será a principal plataforma espacial para a viagem a outros planêtas

A 3/3/1959 os Estados Unidos, por sua vez, lançaram o Pioneer IV, que passou a 59.500 km da Lua e também se colocou em órbita ao redor do Sol.

A 12/9/1959 a União Soviética enviou o Lunik II com destino à Lua, e, a 4/10/1959 assombrou o mundo com o lançamento do Lunik III, estação espacial que contornou a Lua e tirou espetaculares fotografias da face invisível do nosso satélite, transmitindo-as à Terra. Os russos, em 12/4/1961, enviaram ao espaço o primeiro homem, Yuri Gagarin, que, a bordo do Vostok I, deu a volta à Terra em uma hora, 48 minutos e 1 segundo; e, a 6 e 7 de agôsto do mesmo ano, enviaram Gherman S. Titov, que, a bordo do Vostok II, deu 17 voltas à Terra em 25 horas e 18 minutos.

Os norte-americanos também enviaram alguns cosmonautas ao espaço. Os primeiros foram Alan B. Shepard Jr. em 5/5/1961 e Virgil I. Grissom em 21/7/1961, que fizeram vôos balísticos de menos de 500 km de exten-

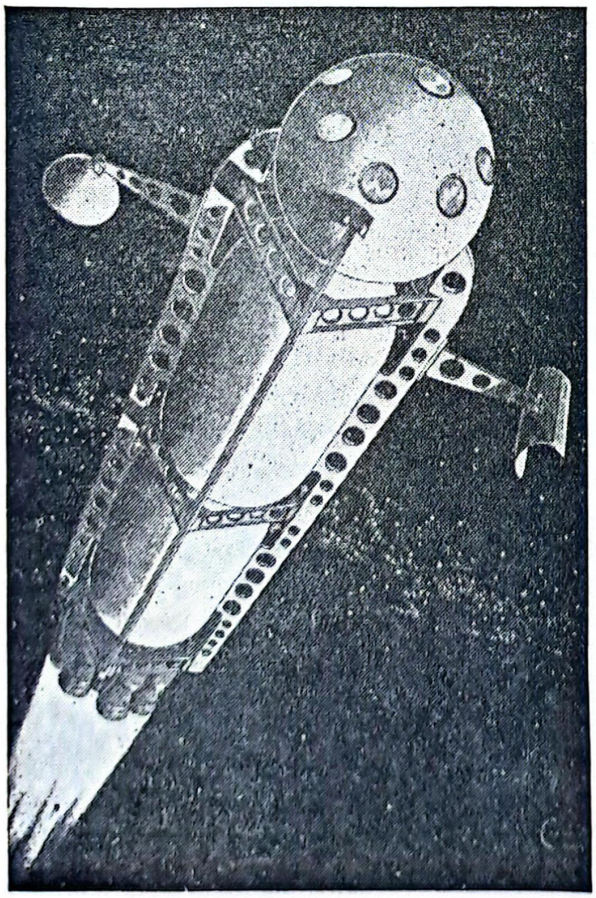
são. Depois foram enviados outros dois: John Glenn, a 20/2/1962, deu 3 voltas ao mundo em 4 horas e 56 minutos, voando à velocidade de 28.072 km por hora; Malcolm Scott Carpenter, a 24/5/1962, deu 3 voltas à Terra em 4 horas e 96 minutos, voando à velocidade de 28.051 km horários.

Em 7/7/1962 os Estados Unidos puseram em órbita o primeiro satélite de comunicações internacionais, iniciando-se, com essa proeza, uma nova era nas transmissões de rádio, telefone e televisão, simultaneamente em todo o mundo.

Em 11 e 12 de agôsto de 1962 os russos lançaram mais dois cosmonautas ao espaço: Adrian Nicolaiev, a bordo do Vostok III, e Pavel Popovitch, a bordo do Vostok IV. O primeiro, em 94 horas e 25 minutos, deu 64 voltas à Terra, e o segundo, em 70 horas e 59 minutos, 48 voltas.

Em 27 de agôsto de 1962, os Estados Unidos lançaram em direção a Vênus um foguete portador da cápsula espacial "Mariner II". Após desenvolver-se com pleno êxito a primeira etapa do lançamento, em que descreveu uma órbita da Terra, e após partir em direção a Vênus, o foguete se desviou da trajetória prevista, mas os técnicos norte-americanos conseguiram, em 4 de setembro, corrigir, por meio de um sinal eletrônico, a trajetória da sonda espacial, quando esta se encontrava a 2.400.000 quilômetros, aproximadamente, da Terra. Essa manobra, segundo informações prestadas, teve por objetivo retificar um "êrro de tiro" que faria a sonda espacial passar a 400.000 quilometros de Vênus. Com a correção efetuada, calculou-se, o "Mariner II" devia passar a uma pequena distância do referido planêta. Foi uma manobra de grande precisão, já que se tratava de operar, com um sinal eletrônico de 30 segundos, sôbre órgãos de um pequeno aparelho de 201 quilos, que viajava pelo espaço a uma velocidade de 11.0[illegible] quilômetros por hora, que se achava a quase dois e meio milhões de quilômetros da Terra, e que estava sujeito à atração de vários corpos celestes. O sinal, recolhido por uma antena do satélite, acionou um pequeno motor que desenvolve um empuxo de 50 libras, o qual diminuiu ligeiramente a velocidade da sonda, cuja trajetória foi, assim, corrigida, conforme explicam os técnicos norte-americanos.

A 14 de dezembro de 1962, o Mariner II passou [illegible] 34.766 quilômetros do planêta Vênus, e, como diz o Dr. William H. Pickering, diretor do Laboratório de Jatopropulsão do Instituto de Tecnologia da Califórnia, a nave espacial completou com êxito o primeiro passo para a exploração de outros planêtas do nosso sistema solar.



Está em construção nos EE UU um veículo que, em 1970, segundo dizem, levará três homens à Lua

Durante 109 dias, desde seu lançamento a 27 de agôsto até 14 de dezembro de 1962, o Mariner II funcionou automàticamente em condições extremamente hostis no espaço exterior. Durante êsse período, todos os que haviam trabalhado no projeto acompanharam emocionados a sensacional experiência. O seu sistema de comunicações com a Terra funcionou perfeitamente como mostra a série de informações enviadas pela aeronave.

Ao passar pelas proximidades de Vênus, o Mariner II realizou explorações do planêta, colhendo e transmitindo para a Terra dados preliminares sôbre as condições existentes naquela área espacial.

Curiosas são as "atitudes" que a aeronave tinha que manter para garantir seu próprio funcionamento. Seu painel de células solares, por exemplo, precisava estar voltado permanentemente para o Sol, a fim de captar devidamente a necessária energia para o funcionamento das suas peças eletrônicas. O ângulo da sua antena precisava alterar-se constantemente para que ela se mantivesse constantemente apontada para a Terra. Suas mensagens codificadas foram ininterruptamente enviadas para os postos de escuta na Terra, durante 24 horas diárias, até que a nave alcançou a distância de 86.400.000 quilômetros do nosso planêta, a 4 de janeiro de 1963, quando enviou sua última mensagem à Terra. Havia, assim, cumprido brilhantemente a sua missão.

A 3 de outubro de 1962, o astronauta norte-americano Walter M. Schirra Jr., lançado pelo poderoso foguete "Atlas", que é da altura de um edifício de dez andares, deu, a bordo da cápsula "Mercury" "Sigma 7", seis voltas em tôrno da Terra, em 9 horas e 13 minutos de vôo, sendo recolhido por um porta-aviões no Oceano Pacífico, na região da ilha de Midway, como estava previsto.

A 15 e 16 de maio de 1963, Leroy Gordon Cooper, dos Estados Unidos, circundou a Terra 22 vêzes, voando a uma velocidade de 8 quilômetros por segundo, em altitudes superiores a 160 quilômetros da superfície terrestre. Sua viagem teve por objetivo permitir a conclusão do estudo dos efeitos provocados pela gravidade no vôo espacial e a obtenção dos dados científicos ainda necessários para enviar uma nave espacial tripulada por 2 homens (Projeto Gemini) e, em seguida, outra à Lua (Projeto Apolo).

Enviar homens à Lua, a Marte e a Vênus, eis o próximo alvo dos Estados Unidos e da União Soviética.

Quando do lançamento do Lunik I, em janeiro de 1959,

Um astronauta

disse o prof. D. Martynov, diretor do Instituto Astronômico de Sternberg:

"Diante de nós se coloca o problema do envio de novos e maiores foguetes sôbre a Lua, Vênus e Marte".

Em outubro de 1959, após o lançamento do Lunik III, declarou o prof. Ciril Ogorodnikov:

"Os cientistas e técnicos que construíram o aparelho (Lunik III) nos asseguram

que, agora, estamos em condições de efetuar operações similares em relação a Vênus e Marte".

O prof. Ogorodnikov acrescentou que, no momento, a Lua continuava a ser o alvo primordial dos russos, que pretendem colocar nesse satélite equipamento destinado a reunir e transmitir informações sôbre o mesmo. Disse ainda:

"Numa segunda etapa, que poderá seguir-se muito ràpidamente à primeira, o homem pousará na Lua, que se transformará em nossa principal plataforma espacial para viagens no sistema solar".

Na opinião do dr. Albert C. Hall, vice-presidente encarregado do Departamento de Engenharia da Martin Company, uma das emprêsas a cujo cargo está a construção do "Apolo", veículo espacial tripulado, com o qual os Estados Unidos planejam o envio de três homens à Lua, entre 1968 e 1970, foguetes de propulsão nuclear poderão, entre 1970 e 1980, levar o homem à superfície de Marte e trazê-lo de volta à Terra.

Para dar-nos uma idéia dos rios de dinheiro que se gastam nos projetos astronáuticos, o dr. Hall observa:

"Estima-se que o custo de ida de um homem à Lua e de seu regresso à Terra, são e salvo, pode ascender a 30 bilhões de dólares".

Outro veículo espacial em construção nos Estados Unidos é o "Saturno", cujo programa foi iniciado em meados de 1958. Baseado no rítmo dos trabalhos relacionados com êsse projeto, o dr. Werner von Braun fêz a seguinte declaração:

Como será, afinal de contas, conquistado o espaço?

"Por que estamos, então, realizando tais esforços para deslocar o homem a outros corpos celestiais, quando ainda não resolvemos inteiramente os seus problemas de vida na própria Terra?

"Apesar de parecer um absurdo à primeira vista, as pesquisas espaciais são, na realidade, vitais à sobrevivência da espécie humana, pelo menos dentro dos padrões morais fixados como herança dos nossos antepassados.

"Em virtude do explosivo crescimento das populações em nosso planêta, calcula-se que, dentro de 500 anos não haverá espaço na superfície da Terra para alguém poder deitar-se e dormir, pois sòmente haverá lugar para tôda a humanidade ficar em pé".

No que tange ao problema do "espaço vital" para acomodar a raça humana que se multiplica sem parar, salientou o prof. A. C. B. Lovell, da Inglaterra:

"Estamos vivendo momentos cruciais que nos obrigam a pesquisar os fundamentos da natureza do Universo".

O futuro da humanidade está preocupando a todo E a conquista do espaço sideral é considerada uma necessidade absoluta.

Como será, afinal de contas, conquistado o espaço? Como lograremos visitar outros mundos? Não como pensa a Astronáutica. Não com foguetões, não com aeronaves, não com artifícios da técnica humana, ainda que

esta alcance um grau de avançamento milhares de vêzes maior do que até hoje alcançou. Se os homens conseguirem enviar veículos espaciais à Lua, Marte ou Vênus, que estão pertinho de nós, com isso nem sequer terão, por assim dizer, saído do quintal de casa. Tão vasto é o Universo, que, embora os homens chegassem a viajar à velocidade da luz (o que é impossível), jamais, com os recursos humanos, conseguiriam conquistá-lo, pois, para tanto, nem daria a duração de uma vida humana.

Se os homens pretendem chegar aos outros mundos espalhados pelo Universo, é porque crêem haver nêles vida.

A antiga convicção da existência de uma pluralidade de mundos habitados por sêres inteligentes, superiores aos homens, convicção essa que até há pouco era mantida quase exclusivamente por teólogos e filósofos, é agora compartilhada também por muitos cientistas.

"Um verdadeiro cientista", diz um escritor, "é também filósofo, e um filósofo acredita sempre que a vida não é um capricho isolado e único, mas sim que existe em todo o Cosmos. Não é ao cientista-filósofo, mas ao cientista-técnico — aquêle homenzinho que não pode acreditar em Deus só porque não lhe pode tomar a temperatura, nem lhe examinar a análise espectroscópica — que repugna a idéia de um sêr maior do que êle próprio... Mas o pequeno cientista-técnico, semiversado numas tinturas de química e de física, (que não acredita na existência de sêres inteligentes a povoar todo o Universo governado por um Deus que é a causa primária de tudo), êsse (cientista) não tem a menor desculpa. Devia abandonar tôdas as pretensões ao título de 'cientista', que significa 'aquêle que sabe' e 'aquêle que pensa', pois não faz nenhuma destas coisas".

"Na casa de Meu Pai há muitas moradas"

Não há dúvida de que todo o Universo é repleto de mundos habitados por sêres inteligentes, superiores, e, para sairmos daqui em visita a êsses mundos, há apenas um meio:

É alcançarmos, perante Deus, o direito moral para êsse fim, a exemplo dos dois primeiros astronautas mencionados na Bíblia: Enoque, que "foi trasladado" (Hb 11:15) desta Terra para outro planêta, e Elias, que "subiu ao céu num redemoinho" (II Rs 2:11). Os que alcançarmos êsse direito poderemos visitar todos os mundos e ver a gloriosa obra das mãos de Deus, pois será para nós a promessa de Cristo:

"Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fôra, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu fôr, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também". Jo 14:2, 3.

E serão para nós, igualmente, muitas promessas da Palavra de Deus, como, por exemplo, esta:

"Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com êles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". I Ts 4:16, 17.

Seguiremos o caminho de Enoque e Elias.

Os que, mediante um processo de reconstrução, formos completamente regenerados e definitivamente salvos, e, por conseguinte, "havidos por dignos de alcançar o

continua na pág. 19

O Primado de São Pedro

"E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? E êles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos Profetas. Disse-lhes êle: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Mt 16: 13-18.

A verdade confessada por Pedro é o fundamento da igreja. Esta interpretação é favorecida pela forma feminina da palavra grega — *petra* — e especialmente pelo movimento da conversação como um todo, mantida por Cristo com seus discípulos. Pedro havia dito: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". A essa confissão referiu-se Cristo como sendo a pedra fundamental de Sua igreja. Isso está de acôrdo com sua declaração habitual: "Quem quer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai" e com as declarações dos apóstolos — como João: "Quem quer que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus estará nêle e êle em Deus". Mt 10:22; I Jo 4:15.

Agostinho dá a seguinte paráfrase de Mt 16:18. "Tu és Pedro, teu nome significa pedra, e sôbre a rocha, minha própria pessoa divina, edificarei minha igreja, já que me confessaste como o Filho de Deus".

A interpretação romana, de ter sido Pedro indicado como a rocha ou alicerce da igreja, não pode ser aceita pelos seguintes motivos:

1. Nas passagens paralelas — Mc 8:29 e Lc 9:20 — Cristo faz aos discípulos a mesma pergunta referida por Mateus — "Quem dizeis que sou eu?" — a que Pedro deu a resposta: "Tu és o Cristo", como reproduzido por Marcos, ou "Tu és o Cristo de Deus", como registrado em Lucas. Com estas palavras, segundo ambos os evangelistas, sustou-se a conversação. Se os apóstolos e a igreja do primeiro século tivessem tido a mais pequenina idéia de que Pedro houvesse sido nomeado chefe da igreja, seria muito difícil desculpar a importante omissão, por parte dos dois evangelistas, das palavras: "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja". Marcos e Lucas não merecem ser chamados heréticos?

2. Na Bíblia, Cristo é chamado a rocha, ou o fundamento, ou pedra angular da igreja. "Ninguém pode pôr outro fundamento — disse Paulo — senão o que foi pôsto, que é Jesus Cristo". I Co 3:11. Em parte alguma Pedro é chamado "alicerce" da igreja. Os apóstolos tinham sido instruídos pelo Velho Testamento a pensarem em Cristo como sendo a Rocha. Em muitas passagens ocorrem expressões como esta: "O Senhor é minha rocha e minha fortaleza" — e seria natural que Cristo seguisse tal uso. Em Isaías 28:16 lemos:

"Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pe-

dra já provada, pedra preciosa, angular, sòlidamente assentada; aquêle que crer não foge".

3. Tudo quanto sabemos a respeito de Pedro, pelo livro de Atos, se opõe à teoria romana. Os doze apóstolos designaram os sete diáconos. (At 6:1-6). No sínodo de Jerusalém, fala-se de Pedro como de um dos apóstolos (At 15:4, 14). Êle não tentou perdoar pecados e recusou adoração (At 8:22; 10:25). Do mesmo modo as epístolas de S. Pedro nada revelam do espírito de alguém que estivesse cônscio de ser chefe da igreja. Pedro fala de Cristo como "Pedra angular", e dos cristãos, indistintamente, como "pedras vivas", e de si mesmo êle diz: "sou também presbítero com êles". (I Pe 2:5; 5:1).

4. O título "cabeça da igreja" é usado certo número de vêzes por Paulo em suas cartas aos Efésios e Colossenses, sendo invariàvelmente aplicado a Cristo.

5. No Novo Testamento os apóstolos se associam como iguais em autoridade. Nenhuma distinção foi feita em favor de Pedro, quando lhes foi dada a ordem de irem por todo o mundo, a pregar o Evangelho (Mt 28:19). Segundo Paulo, "Deus estabeleceu alguns na igreja: primeiramente, os apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores". (I Co 12:28). Se tivesse sido conferida a primazia a Pedro, seria natural que Paulo dissesse: "Deus estabeleceu alguns na igreja: primeiro, Pedro, o Papa; depois, os apóstolos..." Quando Pedro e João foram a Samaria, não partiram por sua própria deliberação; ambos foram "enviados pelos apóstolos" (At 8:14). Nenhuma precedência se dá a Pedro entre os nomes dos doze apóstolos, representados como esculpidos nos doze fundamentos da Nova Jerusalém. (Ap 21:14).

6. A posição de Paulo na igreja desmente a teoria de que alguém estivesse acima dêle, a não ser Cristo. Se Paulo alguma vez ouviu dizer que Pedro fôra designado por Cristo como cabeça da igreja, êle não só deliberadamente deixou de tomar conhecimento dêsse fato, mas o desmentiu. Os cristãos — escreveu êle — são "edificados sôbre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra angular o próprio Cristo Jesus" (Ef 2:20). Insistiu em sua própria comissão independente como apóstolo dos Gentios, enquanto que a Pedro fôra confiado o apostolado da Circuncisão (Gl 2:7). Em relação à igreja de Roma, se Pedro alguma vez se relacionou com ela, o Novo Testamento não julgou tal relação de suficiente importância para a mencionar explìcitamente. A carta aos cristãos romanos foi escrita por Paulo. Paulo pregou em Roma, escreveu cartas de Roma e em Roma fêz conversos, como Onésimo. Da mesma sorte, em lugar de dizer que o cuidado de tôdas as igrejas pesava sôbre si (II Co 11:28), teria modificado o modo de se expressar, se a qualquer autoridade humana, superior a êle, houvesse sido outorgada a primazia na igreja. Demais, Paulo repreendeu a Pedro e lhe resistiu (Gl 2:11) num dos períodos mais críticos da igreja apostólica, quando se levantou a questão sôbre se os gentíos deviam ser recebidos na igreja mediante profissão de sua fé em Cristo, ou sòmente depois de terem cumprido o ritual mosaico, como Pedro afirmava. No Novo Testamento ninguém é exortado a confiar em Pedro ou a ir a Pedro para ter as palavras de vida. Quando Paulo falou dos partidos em Corinto (I Co 1:12), tratando-se cada qual pelos nomes de Paulo, Pedro, Apolo e Cristo, o apóstolo deu todo destaque a Cristo, como é natural inferir, reduzindo à paridade os três obreiros apostólicos.

7. Pedro se assentou nos bancos, no único Concílio da igreja referido como tendo tido lugar nos tempos apostólicos — o Concílio reunido em Jerusalém, no ano 51. Tiago foi o presidente (At 15:13). Por quê Pedro não presidiu a êle, se fôra constituído chefe da igreja?

8. As interpretações de Mt 16:18, dadas pelos padres, foram eminentemente contrárias à opinião de que

(*Continua na pág.* 26)

O Ho

Evolução c

Afirmam os geólogos que a Terra não foi sempre habitada, e, pois, surge a pergunta: "Qual é a origem do homem?"

Apresentam-se duas respostas: uma baseada no evolucionismo e outra no criacionismo.

O evolucionismo através da História

O evolucionismo é um sistema doutrinário que aventa a hipótese segundo a qual a vida teria começado nos mais ínfimos estados da matéria, elevando-se gradualmente, por transformação progressiva das espécies, até o homem.

Anaximandro, filósofo grego do sexto século antes de Cristo, foi, ao que se acredita, o primeiro a sugerir a idéia da origem do homem por evolução.

Empédocles, filósofo grego do quinto século antes de Cristo, acreditava igualmente na evolução gradativa das espécies. Cria na sobrevivência do mais apto. Atribuía a origem da vida à geração espontânea.

Aristóteles, outro filósofo grego do quarto século antes de Cristo, também cria na evolução. Ensinava que o homem é o mais elevado grau de uma longa e contínua ascendência.

Os egípcios pensavam que o homem se tinha originado de certos vermes brancos existentes no lodo deixado pelo Nilo após as enchentes anuais.

Os maias do México ensinavam que o Deus da chuva havia feito o rio, o qual gerou o peixe, e êste, por sua vez, se transformou em serpente, da qual se originou o homem.

Durante a Idade Média, muitos teólogos, embriagados com a filosofia grega, adotaram idéias pagãs, evolucionistas, quanto à origem do homem. Santo Agostinho, dos séculos IV e V, e São Tomás de Aquino, do século XIII, foram seus expoentes máximos.

Os escolásticos da Idade Média ensinavam que a Terra produzia, contìnuamente, da matéria bruta, morta, grandes quantidades de sêres vivos por geração espontânea.

Por volta do fim do século XVIII desenvolveu-se grandemente a hipótese evolucionista, mercê da contribuição dos escritos de Buffon, Erasmo Darwin, Goethe, Lamarck, Saint-Hilaire, etc.

Lamarck (1744-1829) ensinava que os primeiros sêres vivos foram formados por geração espontânea; e êstes teriam evoluído até o homem, graças a três fatôres principais: o meio, a hereditariedade e o tempo.

Darwin (1809-1882) preconizava os seguintes fatôres como responsáveis pela suposta transformação das espécies:

Não um só, mas m
seriam necessários para

m e m –

u Criação?

as centenas de elos
ir o homem ao macaco

1. Seleção natural mediante:

a. Luta pela existência;

b. Sobrevivência do mais apto;

c. Adaptação.

2. Seleção sexual que completaria a seleção natural.

A teoria de Darwin teve na Inglaterra, como grande defensor, Thomas Henry Huxley, e, na Alemanha, Ernst Haeckel.

Seitas evolucionistas

As hipóteses discordantes dos evolucionistas tiveram acesso à imprensa, e a barafunda das suas divergências aumentou incessantemente, destacando-se as teorias dos seguintes expoentes:

Haeckel (teoria da recapitulação ontogenética da filogênese);

Kroschinski e de Vries (teoria do mutacionismo).

Ungerer (teoria da mutação embrional);

Jaeckel (teoria da metacinese);

De Beer (teoria da pedomorfose);

Volk (teoria da fetalização);

Beurlen (teoria da neomorfose);

Franz (teoria da desviação ontogenética);

Blanc (teoria da cosmólise).

Também merecem ser mencionadas as teorias de Baldwin, Morgan, Osborn, Rosa, Aimer, Naegeli e outros.

As idéias evolucionistas são tão divergentes que é algo difícil classificá-las, mas podem ser agrupadas em quatro categorias gerais, a saber:

1. Evolucionismo mecanicista — Ensina a evolução universal destituída de qualquer finalidade e pretende que na matéria assim como na vida se operem constantemente mudanças produzidas por combinações fortuítas e arranjos casuais.

2. Evolucionismo emergente — Considera o Universo regido por leis, mas capaz de produzir novidades.

3. Evolucionismo teleológico — Ensina que o mero acaso não é capaz de coordenar e fazer convergir uma série de fatos físicos e químicos necessários à conservação de uma vida, nem determinar a direção e a hierarquização das partes componentes de um todo, nem regular a sua auto-reparação, a sua adaptação e a sua reprodução, etc. Não admite, por exemplo, que o mero acaso seja capaz de organizar um maravilhoso instrumento, de delicada e complicada precisão, como o ôlho do homem, inteiramente dedicado à finalidade da visão. A observação da Natureza sugere copiosos outros exemplos, mostrando que o homem, bem como as inúmeras espécies animais e vegetais, com seus complicadíssimos órgãos, surgiram em obediên-

cia a um plano que teve origem numa fôrça inteligente, que para cada coisa previu a sua finalidade. Concluem, pois, os advogados dêste sistema, que, se há evolução, esta implica um processo teleológico, um plano que desde o princípio vise o fim (telos) a atingir, uma orientação inteligente, a ação de uma Causa Primária, Superior, que é Deus.

4. Evolucionismo regressivo — Sustenta que houve involução, ou seja, o contrário de evolução, ou, em outras palavras, degeneração. E êste tem alguma base.

Estacas do evolucionismo

Os principais argumentos que os evolucionistas, de modo geral, aduzem em favor do seu sistema doutrinário, são os seguintes·

1. A semelhança de formas entre os animais superiores e o homem;
2. As mutações;
3. Os vestígios orgânicos;
4. A pretensa descoberta de alguns dos supostos "elos faltantes";
5. A suposta recapitulação da raça no desenvolvimento do embrião;
6. Os testes sanguíneos;
7. A distribuição geográfica.

Essas estacas não se mantêm de pé. Vejamos:

1. A semelhança de formas — Não negamos as semelhanças genéricas que existem entre as espécies vivas na longa linha ascendente, mas consideramos como arranjo puramente arbitrário a classificação que os evolucionistas fazem, do mais simples para o mais complexo, por onde querem provar que a vida animal evoluiu seguindo uma longa cadeia ascendente, que termina no homem.

Se fizéssemos como os evolucionistas, tomaríamos, por exemplo, um grupo de veículos, e colocaríamos em primeiro lugar na fila um automóvel-brinquedo de criança e em último lugar o mais aperfeiçoado dos modernos autos de passeio, e diríamos que o último descende do primeiro por evolução, como mostra a linha ascendente em que os vizinhos se aproximam por suas semelhanças.

O mesmo poderíamos fazer com uma fila de prédios, começando com um casebre e terminando com o mais imponente dos arranha-céus. E se disséssemos que o último provém do primeiro, por evolução, não teríamos menos base que os evolucionistas.

2. As mutações — O raro fenômeno das mutações espontâneas, responsável pela produção de novas variedades dentro da mesma espécie, pode, segundo a Biologia, ser multiplicado por processos experimentais, como, por exemplo, o calor, certas substâncias químicas, os raios X e outras radiações de ondas curtas. Aliás, sob o efeito das radiações, foram levadas a cabo exaustivas experiências com a drosófila. Eis o que a Enciclopédia Britânica diz sôbre o fenômeno das mutações:

"A característica mais comum das mutações, em virtude de sua natureza acidental, é um efeito degenerativo, bem ilustrado por uma linha fortuíta de mutações da drosófila, em que olhos, asas, cerda e pigmentação defeituosos são a regra". — Vol. 8, pg. 927.

"Justamente como acontece com as mutações espontâneas, as mutações induzidas por raios X são geralmente deletérias ou letais". — Vol. 11, pg. 491.

À luz dessas declarações, os mutantes não são especímenes evoluídos, mas, sim, degenerados, pelo que o fenômeno das mutações, longe de ser benéfico à teoria da evolução, lhe é prejudicial. Em todo caso, a suposição de que as mutações possam produzir novas espécies, carece de confirmação científica.

3. Os vestígios orgânicos — Os evolucionistas costumavam apontar na espécie humana aproximadamente 180 vestígios orgânicos considerados como remanescentes de órgãos outrora requeridos pelas formas ancestrais inferiores e agora desnecessárias ao homem. Com o incremento da Ciência, a lista dêsses vestígios orgânicos foi diminuindo gradativamente, de modo que hoje só costumam ser mencionados alguns, e muitos evolucionistas receiam mesmo chamá-los de vestígios orgânicos, visto como cientistas de

renome ensinam que cada qual tem sua função específica. Assim, por exemplo, o Prof. E. S. Goodrich, da Universidade de Oxford, afirma:

"Seria um homem precipitado quem agora afirmasse que qualquer parte do corpo humano é inútil".

4. Os elos faltantes — Os evolucionistas pretendem ter descoberto alguns dos "elos faltantes" que precisariam existir para ligar o homem a um grupo de animais morfològicamente simiescos. Assim, por exemplo, encontraram o homem de Neanderthal em 1857, o homem de Java em 1891, o homem de Piltdown em 1912, o homem de Pekim em 1927, e outros. Mas cientistas de renome, e mesmo evolucionistas, recusam admitir a validade dessas descobertas.

Afirma o Prof. Arthur Keith, evolucionista:

"De acôrdo com o registo geológico como hoje se apresenta, não nos é possível determinar a origem do homem em base de nenhum dêsses tipos extintos".

O Prof. W. Branco, da Universidade de Berlim, declara:

"A paleontologia nada nos diz a êsse respeito; ela não conhece nenhum ancestral do homem".

Austin H. Clark, biologista da Smithsonian Institution, diz:

"Os 'elos faltantes' são falsas interpretações".

Mortillet, ardoroso defensor do evolucionismo, assevera:

"Poderemos nós, entre êstes restos, reconhecer alguns vestígios de um antropopiteco, de um precursor do homem? Não o creio".

Não um só, mas muitas centenas de elos seriam necessárias para unir o homem ao macaco, e muitos milhões para unir as outras incontáveis espécies animais entre si. Mas a paleontologia não é capaz de fornecer um só elo válido para unir duas famílias quaisquer.

5. A suposta recapitulação da raça no desenvolvimento do embrião — Haeckel ensinava: "A história do feto é a recapitulação da raça". Com isso êle e outros evolucionistas queriam dizer que o embrião humano no seu desenvolvimento, percorre a série de formas animais inferiores através das quais teria evoluído o homem. Bastam, para refutar essa idéia, as palavras do Prof. Arthur Keith, evolucionista:

"Esperava-se que o embrião recapitulasse as características dos antepassados, desde as menores até as maiores formas do reino animal. agora que se conhecem as aparências do embrião em tôdas as fases, o sentimento geral é de desapontamento, pois o embrião humano em nenhuma fase tem aparência antropóide".

6. Os testes sanguíneos — O Prof. George Nuttal, da Universidade de Cambridge, desenvolveu um método de exame de sangue pelo qual o sangue dos macacos, chimpanzés e gorilas reage de modo semelhante ao sangue do homem, por onde muitos evolucionistas concluem que êste deve ter origem simiesca. Supõem êles que a quantidade de precipitado branco revela no teste sanguíneo o grau de humanidade. Acontece, porém, que o sangue de chimpanzé dá mais precipitado branco que o sangue humano. Nesse caso, êsse símio teria que ser mais humano que o próprio homem!

7. A distribuição geográfica — Baseados no aparecimento de variedades de animais que diferem mais ou menos de um lugar para outro, crêem muitos evolucionistas que, com o decorrer de milhões de anos, podem os organismos sofrer mudanças básicas. Contudo, a distribuição geográfica apenas mostra o aparecimento de novas raças dentro de um mesmo tipo básico já existente. Em nenhum caso prova o desenvolvimento de novos tipos básicos.

A filosofia evolucionista diante dos fatos

1. O início da vida.

Lamarck e outros evolucionistas apregoavam a geração espontânea como sendo a explicação do problema do início da vida. Mas desde que essa hipótese foi destruída pelas experiências de Pasteur e Chevreul, o evolucionismo mecanicista não tem ponto de partida.

Um dos fatos básicos, mais firmemente estabelecidos pela Biologia, é que a vida só

pode provir da vida. Jamais se conseguirá ver ou reproduzir uma amostra do suposto primitivo protoplasma físico-químico que teria sido a origem da vida.

Lecomte du Nouy, cientista francês, afirma:

"Não há um único fato ou uma única hipótese hoje em dia que dê uma explicação do nascimento da vida ou da evolução natural".

Lord Kelvin, um dos maiores cientistas, assevera:

"A vida provém da vida e sòmente da vida".

O Prof. Conn declara:

"Não há a mais leve evidência de que a matéria viva possa surgir da matéria morta".

2. A descontinuidade no registro das rochas.

Informam os paleontólogos que nas camadas rochosas chamadas *cambrianas* aparece repentinamente grande variedade de formas de animais fósseis, ao passo que nas camadas pré-cambrianas não aparece pràticamente nenhum fóssil. Donde teriam evoluído êsses animais? Há, outrossim, uma regular ausência de formas transitórias entre os tipos básicos.

Diz o cientista Lecomte du Nouy:

"Cada grupo, ordem ou família parece ter aparecido repentinamente, e é difícil encontrarmos formas ligando uma classe a outra, precedente. E quando as descobrimos, já estão completamente diferenciadas. E, não sòmente não se encontram formas transitórias, mas, em geral, é impossível relacionar autênticamente um novo grupo com outro mais velho".

No registro das rochas não existe continuidade orgânica geral dos descendentes, e "a falha da paleontologia em produzir essa evidência", diz Gaylord Simpson, "foi tão profundamente sentida, que alguns naturalistas, desiludidos, decidiram mesmo que a doutrina da evolução orgânica, ou da continuidade orgâera acima de tudo errada". nica geral dos descendentes,

3. A imutabilidade das espécies.

Na Biologia é muito conhecida a lei da homogenesia, segundo a qual as gerações sucessivas são semelhantes, não havendo alternância de geração. A genética confirmou plenamente o mendelismo, que estabelece a hereditariedade dos caracteres biológicos.

4. A falta de provas em favor da hipótese evolucionista.

Os maiores evolucionistas confirmam que não há provas em favor do seu sistema filosófico.

O Prof. Arthur Keith afirma:

"A evolução não foi nem será provada".

Thomas Hunt Morgan admite:

"Dentro do período da história humana não sabemos de um único exemplo de transformação de uma espécie (tipo básico) em outra... Pode afirmar-se que a teoria da descendência é portanto falha no seu ponto mais importante, com o qual ela deveria contar para colocar-se sôbre uma base científica".

Ives Delages, professor em Sorbonne, Paris, declara:

"Não tenho dificuldade em admitir que jamais se viu uma espécie orgânica gerada de outra diferente, e que as observações realizadas tão pouco provam ter-se êste fato efetuado em épocas anteriores".

O Prof. D. M. Watson, da Universidade de Londres, diz:

"A evolução em si mesma é aceita pelos zoólogos, não porque tenha sido observada ou ... possa ser provada como verdadeira por uma evidência lógica e coerente, mas porque a outra alternativa, a criação especial, é claramente incrível".

O Dr. L. H. More confessa:

"Nossa fé na idéia da evolução depende de nossa repugnância em aceitar a doutrina antagônica da criação especial". — *The Dogma of Evolution,* pg. 304.

Essas confissões são suficientes para pôr em pratos limpos tôda a questão: A fé, ou, melhor, a credulidade dos evolucionistas não se baseia em provas, evidências ou boas razões, mas ùnicamente na sua cega obstinação às superabundantes evidências do Poder Criador que trouxe à existência tôdas as formas de vida.

Conclusão

Uma vez que as experiências científicas deitaram por

terra a teoria da geração espontânea, não resta outra alternativa que aceitar a criação para explicar a origem da vida sôbre a face da Terra. O próprio Haeckel, um dos maiores paladinos do evolucionismo, confessou:

"Se se rejeita a hipótese da geração espontânea, necessário é recorrer ao milagre duma criação sobrenatural".

A lei da reversão, descoberta por Gregor Johann Mendel, a qual estabelece que, em casos de cruzamento, os descendentes volvem definitivamente ao tipo racial de um e de outro de seus antepassados, o que limita a variação do tipo, foi plenamente confirmada por numerosos biólogos conscienciosos.

"A genética moderna... provou que não se transmitem" as características adquiridas por plantas ou animais (Revista *Life* de *7-3-1947).*

"A genética aduziu evidência forçosamente convincente de que... quando o indivíduo modificado procria, transmite à sua descendência genes não afetados por suas próprias 'características adquiridas'..." — Enciclopédia Britânica, vol. 22. pg. 988.

Êsse fato representa um golpe mortal contra a teoria evolucionista. O próprio Herbert Spencer, talvez o maior dos filósofos do evolucionismo, escreveu:

"Ou tem havido herança de caracteres adquiridos, ou não tem havido evolução".

Excluída, também, pelas experiências científicas, a teoria da herança dos caracteres adquiridos, não resta outra alternativa que aceitar o relato bíblico da criação, segundo o qual todos os sêres vivos foram formados por Deus, no princípio, com suas próprias características específicas imutáveis. Disse Deus: "Produza a Terra sêres viventes, conforme a sua espécie". Gn 1:24. "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou". Gn 1:26, 27. A Ciência não é capaz de aduzir fatos para negar a criação.

---

continuação da pág. 11

mundo vindouro" (Lc 20:35), teremos, com a segunda vinda de Cristo, o privilégio de entrar em contacto pessoal e direto com os habitantes dos outros planêtas, sêres majestosos, formosos, nobres, puros, retos, felizes, que se regozijarão sobremaneira em ver-nos restaurados ao estado de perfeição em que êles se encontram. E não poderemos mais morrer, porque seremos "iguais aos anjos" e estaremos na cat goria dos "filhos de Deus (Lc 20:36) que povoam o outros mundos que não c nheceram, como nós, o pec do e seu cortejo de cons qüências.

Então "todos os tesour do Universo estarão abert ao estudo dos remidos d Deus. Livres da mortalid de, alçarão vôo incansáv para os mundos distantes - mundos que fremiram d tristeza ante o espetáculo d desgraça humana, e resso vam com cânticos de alegr cada vez que ouviam as n vas de uma alma resgatad Com indescritível deleite filhos da Terra entram d posse da alegria e sabedor dos sêres não caídos. Par cipam dos tesouros do sab e entendimento adquirid durante séculos, na conter plação da obra de Deus. Co visão desanuviada olham p ra a glória da criação — só estrêlas e sistemas planet rios, todos na sua indicad ordem, a circular em red do trono da Divindade. E tôdas as coisas, desde a mír ma à maior, está escrito nome do Criador, e em tôd se manifestam as riquez do Seu poder". — E. White, *The Great Controve sy,* pg. 677.

Eis a maneira como se conquistado o espaço. Es proeza caberá, não aos cie tistas, e, sim, aos justos, a salvos, que podem desde considerar-se os verdadeir astronautas.

Nega a Ciência a Existência de Deus?

Alfonsas Balbachas

Essa pergunta tem sido feita incontáveis vêzes, e ainda hoje deparamos com ela

Certa vez o dr. Dennert, famoso naturalista alemão, deu-se ao trabalho de tomar o pulso religioso dos 432 mais conhecidos sábios dos últimos 300 anos, e chegou ao seguinte resultado:

15 agnósticos
16 ateus
367 crentes
34 de mentalidade religiosa desconhecida, por falta de documentos.

C. L. Drawbridge, autor do livro *The Religion of Scienti ts* (A Religião dos Cientistas), expediu certa vez uma circular a todos os *Fellows* da *Royal Society of London for Improving Natural Knowledge* (Membros da Sociedade Real de Londres Pró-Desenvolvimento do Conhecimento Natural), auscultando-lhes os diferentes pontos de vista sôbre a fé religiosa. Perguntou: "Achais que a Ciência nega a idéia de um Deus pessoal conforme ensinado por Jesus Cristo?" Em resposta, 26 disseram "Sim" e 103 disseram "Não". Perguntou também: "Achais que os recentes e notáveis desenvolvimentos do pensamento científico favorecem a crença religiosa?"; 27 responderam negativamente e 99 afirmativamente.

Outro estudo muito interessante nesse campo foi feito pelo francês Antonin Eymieu, que relata:

"Entre os sábios reconhecemos a 150 o título de iniciadores... (e êle dá os nomes de todos êles juntamente com os ramos da Ciência a que se dedicaram)...

"Entre êsses 150 maiores sábios", continua Eymieu, "há 13 cujos sentimentos religiosos nos são desconhecidos...; há 9 indiferentes ou agnósticos...; ficam portanto 128 dos maiores sábios que tomaram posição perante o problema religioso e que se dividem assim: 5 ateus..., isto é, menos de 4%, e 123 crentes, isto é, pouco mais de 96%". — *La Part des Croyants dans les Progrés de la Science au XIX Siècle.*

Não podemos, neste ensejo, passar por alto o fato de que os sábios cujos nomes ficaram mais célebres na História desde o século XVI, foram crentes fervorosos. Eilos:

Copérnico, astrônomo polonês;

Kepler, astrônomo alemão;

Galileu, astrônomo, físico e matemático italiano;

Pascal, homem de ciência e pensador francês;

Mariotte, físico e matemático francês;

Newton, matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês;

Lineu, médico e naturalista sueco;

Herschel, astrônomo inglês;

Volta, físico italiano;

Ampère, físico e matemático francês;

Faraday, químico e físico inglês;

Cruveiller, médico francês, um dos maiores especialistas em anatomia patológica;

Maxwell, físico escocês;

Joule, físico inglês;

Pasteur, químico francês;

Lord Kelvin, físico e matemático irlandês;

Marconi, radiotécnico italiano;

Branly, físico francês;

Einstein, físico e matemático alemão.

Eis como alguns dos maiores cientistas exprimiram sua fé em Deus:

Entrego-me ao meu deslumbramento. Tremo. Deus esperou 6.000 anos por um observador de Sua obra. Sua sabedoria é infinita; o que ignoramos está contido Nêle, como também o pouco que

sabemos — Johannes Kepler, astrônomo.

A mim mesmo pareço ser apenas um menino que brinca à beira da praia, de vez em quando achando uma pedra mais polida ou uma concha mais bonita, enquanto o grande oceano da verdade se estende ignoto diante de mim. — Sir Isaac Newton. matemático.

Não pode haver conflito entre Ciência e religião. A Ciência é um método idôneo de descobrir a verdade. A Ciência está em desenvolvimento; mas um mundo que tem Ciência precisa mais do que nunca da inspiração que a religião oferece. — Artur H. Compton, físico.

Uma crença mais profunda e mais firme em Deus é às vêzes o único resultado de uma melhor percepção da verdade. — Albert McC. Winchester, biologista.

O homem que considera sua vida e a de seus semelhantes destituída de sentido não é apenas infeliz; é quase desqualificado para a vida. — Albert Einstein, físico teórico.

A Ciência provou que nada acaba em nada. Assim, a vida e a alma não podem reduzir-se a nada, e portanto são imortais. — Wernher von Braun, perito em mísseis. (Observação: Embora equivocado por crer na imortalidade natural da alma, sua declaração revela sua firme crença em Deus).

Só um poder mais alto do que o homem pode controlar as fôrças da energia atômica. — Lise Meitner, cientista nuclear.

Se um universo pudesse criar-se por si mesmo, encarnaria os poderes de um criador, e seríamos forçados a concluir que o Universo é Deus. — George Davis, físico.

A probabilidade de ter a vida se originado por acaso é comparável à probabilidade de um dicionário completo resultar de uma explosão numa tipografia. — Edwin Conklin, biologista.

O claro e positivo testemunho da grande maioria dos cientistas célebres é que *a Ciência demonstra a existência de Deus.*

O Dr. Charles E. M. Sajous, notável luminar da Ciência, autor da obra "A Fôrça da Religião Revelada pela Ciência", declarou:

"A criação da matéria, do Universo, do sistema solar, da Terra e de todos os sêres vivos, inclusive nós mesmos, impõe a necessidade de Deus em todo o domínio físico, isto é, no cosmos, como explicação de qualquer fenômeno que conhecemos".

Entre os 15.000 membros da Associação Americana Pró-Desenvolvimento da Ciência, é muito difícil encontrar um ateu.

Certa vez um grupo composto dos mais ilustres membros dessa Associação, sob liderança do dr. Millikan, famoso já antes de isolar o átomo, assinou e publicou, através da imprensa, um manifesto declarando, em têrmos que não admitiam dúvidas, a confiança e a fé que professavam ter no Deus Criador de tôdas as coisas.

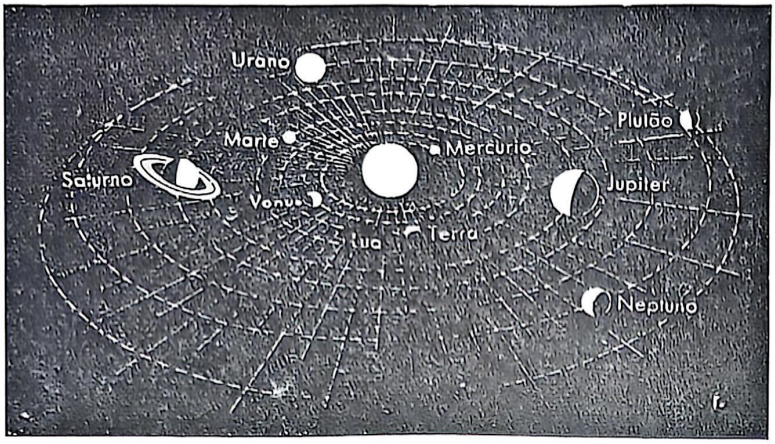
Um estudo consciencioso revela que a Ciência, muito longe de negar a existência de Deus, a confirma mais e mais com cada nova conquista.

"Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Sl 14: 1), mas o verdadeiro cientista afirma que Deus existe.

Deus Se revela de duas maneiras aos homens: pela Natureza e pela Bíblia. Destas duas revelações, a Ciência toma a primeira como objeto das suas investigações.

"A Ciência natural", diz um escritor, "é a interpretação do Universo físico pelas observações de homens especializados. O 'naturalista' (isto é, o cientista) é simplesmente um ser humano que tem os olhos abertos e vê aquilo que olha...

"Entre os cientistas e as várias escolas de Ciência não



O milagre e mistério do Universo fazem-nos reconhecer a operação do poder infinito

há nenhum desacôrdo com referência aos fatos da Natureza; as únicas discordâncias existentes dizem respeito à maneira de interpretá-los.

"Todos os fatos patentes e positivos da Natureza nos falam da realidade e da presença de Deus em Sua criação. A adulteração de tais fatos é a mais contristadora evidência do método ilógico do ateísmo. Sòmente o cego, ou o deliberadamente desonesto, pode iniciar-se no estudo das Ciências, aceitar as coisas tais quais são, e duvidar da existência de Deus. Até mesmo Huxley, o eminente agnóstico, confessou-se 'absolutamente incapaz de conceber a matéria se não houvesse uma mente para lhe afeiçoar a existência'." — Harry Rimmer, *The Harmony of Science and Scripture.*

"Em tôdas as coisas criadas vêm-se os sinais da Divindade. A Natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contacto com o milagre e mistério do Universo, não poderá deixar de reconhecer a operação do poder infinito. Não é pela sua própria energia inerente que a Terra produz suas dádivas, e ano após ano continua seu movimento em redor do Sol. Uma mão invisível guia os planêtas em seu giro pelos céus. Uma vida misteriosa invade tôda a Natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através da imensidade tôda. Encontra-se ela no ser microscópico que flutua na brisa do Verão; é ela que dirige o vôo das andorinhas, e alimenta as pipilantes avezinhas de rapina; é ela que faz com que os botões floresçam, e as flôres frutifiquem.

"O mesmo poder que mantém a Natureza, opera também no homem. As mesmas grandes leis que guiam tanto a estrêla como o átomo, dirigem a vida humana. As leis que presidem à ação do coração, regulando o fluxo da corrente da vida no corpo, são as leis da Inteligência todopoderosa, as quais presidem às funções da alma. DÊle procede tôda a vida...

"O coração que ainda não se acha endurecido pelo contacto com o mal, está pronto a reconhecer aquela Presença que penetra tôdas as coisas criadas. O ouvido, ainda não ensurdecido pelo clamor do mundo, está atento à Voz que fala pelas manifestações da Natureza". — E. G. White, *Educação.*

Conhecer e explicar os fenômenos da Natureza, e não apresentar meras teorias especulativas, eis a verdadeira missão da Ciência.

A menos que a Ciência abandone seu próprio nome, não lhe assiste o direito de apresentar meras hipóteses como representação exata das coisas existentes na Natureza, pois, assim fazendo, põe confusão entre as realidades comprovadas e as suposições que carecem de prova. Não nos esqueçamos de que "ciência" significa "conhecimento", e êste só se ocupa com os puros fatos, nenhum dos quais é incompatível com a idéia de um Criador e Mantenedor do Universo; por isso a Ciência não pode negar a existência de Deus.

Tôdas as hipóteses que se possam formular para excluir a Divindade, conduzem a resultados diretamente contrários aos fatos observados nos domínios da Natureza.

Ao passo que, por um lado, a Ciência, contràriamente ao que muitas vêzes se tem pretendido, nunca pôde e jamais poderá demonstrar a inexistência de Deus, por outro lado as novas conquistas da Ciência só servem para re-

forçar, com nova certeza, a crença na existência de um Criador e Organizador da Natureza.

A Natureza, patente à nossa contemplação, é o efeito de uma causa. Ora, pelo caráter do efeito podemos conhecer o caráter da causa. Se, por exemplo, uma mãe se descuida do seu filhinho e, de repente, lhe ouve os gritos, e, quando vai acudi-lo, já o vê de pé, com o terninho branco sujo de terra e com os cotovelos e joelhos esfolados, ela nem precisa perguntar "o que foi?", porque sabe que foi um tombinho. Ela não precisa ver a causa para conhecê-la; ela a conhece através do efeito visível. Assim quando vemos o salão iluminado com lâmpadas elétricas, não precisamos ver o dínamo da usina para sabermos que a êle se deve a luz que nos alumia. Pelo efeito conhecemos a causa. O médico examina o paciente e pelos sintomas diagnostica a doença. Pelo efeito êle conhece a causa. Nem precisamos ser cientistas, porque os próprios fatos comuns da vida diária nos ensinam que pelo efeito conhecemos a causa, e a Ciência considera valiosíssimo êste princípio.

Para o nosso estudo basta a divisão das causas em duas categorias: (1) o cego acaso e (2) o desígnio inteligente. Para ilustração do que pretendemos dizer, tomemos alguns exemplos:

Andando pelos sertões do Nordeste Brasileiro, encontramos, no leito do cotovêlo de um rio quase sêco por falta de chuva, um montão informe de pedras. Concluímos que a causa dêste efeito é a corrente dágua, portanto, o cego acaso. Noutro lugar, digamos, para o lado da cabeceira do rio Amazonas, deparamos com uma cidade em ruínas no meio da selva. Concluímos que a causa dêste efeito é a atividade e a perícia dos construtores incas, não, portanto, como no primeiro exemplo, o cego acaso, mas, sim, o desígnio inteligente.

Na bandeira brasileira há uma inscrição constante de quinze letras. Se recortássemos tôdas essas letras e as empilhássemos sôbre uma mesa e estêndessemos o pano ao lado dela, num plano inferior, e se por qualquer motivo a pilha tombasse e as letras se esparramassem sôbre a tela, assumiriam uma disposição desordenada, e poderiam cair incontáveis vêzes, durante bilhões de anos, sem nunca, por si mesmos, assumirem a disposição requerida para formar as palavras "Ordem e Progresso", simplesmente porque o cego acaso não é capaz de produzí-la. Se, porém, nos ausentássemos por um momento e, regressando, encontrássemos as letras combinadas de maneira a constituir essa frase, não teríamos a menor dúvida de que alguma pessoa, em nossa ausência, pôs as letras na devida ordem, porque só o desígnio inteligente é capaz de fazer isso.

Tenhamos, pois, em mente que o efeito mostra se a respectiva causa foi o cego acaso ou o desígnio inteligente. E, com esta noção, vamos à apreciação do fato de que, na observação dos fenômenos da Natureza, pelo menos sete grandes efeitos desafiam a incredulidade dos incrédulos no que diz respeito à explicação das causas correspondentes. Trata-se de:

1. A origem da matéria e da energia;

2. A origem do impulso inicial do movimento cósmico;

3. A origem do plano, da organização, da ordem a que todo o Universo está sujeito;

4. A origem da finalidade que aparece na atividade dos sêres que formam o Universo;

5. A origem da vida com seus múltiplos fenômenos;

6. A origem do instinto dos animais, que é o conjunto de atos acompanhados de consciência, mas não de re-

A origem do instinto dos animais, entre outras causas, desafiam os incrédulos...

flexão e inteligência, e que visam determinados fins;

7. A origem da inteligência e da linguagem humanas.

Com razão disse certa vez Cuvier em plena Academia Francesa:

"Um homem que tem olhos para ver as maravilhas do Universo, não pode negar a existência de Deus, a não ser um ímpio e um néscio".

O célebre matemático e astrônomo francês Le Verrier, que só pelo cálculo matemático descobriu em 1846 um novo planêta, Netuno, foi, quando já famoso no mundo, entrevistar-se com o arcebispo de Paris.

— Meu amigo, disse-lhe o arcebispo, agora, sim, podemos dizer com tôda a verdade que o seu nome chegou até aos astros.

— Excelência, respondeu gravemente o astrônomo, eu aspiro a coisa ainda mais elevada.

—Mas como? exclamou admirado o arcebispo.

— Sim, explicou o grande astrônomo, levantando os olhos ao céu, eu aspiro chegar a Deus.

Para os verdadeiros cientistas, cada novo avanço da ciência é não apenas um passo à frente no conhecimento dos arcanos da Natureza, mas também no conhecimento do Criador da Natureza.

"Tôda verdadeira Ciência", diz uma escritora, "não é senão uma interpretação da escrita de Deus no mundo material. A Ciência traz de suas pesquisas apenas novas provas da sabedoria e poder de Deus". — E. G. White, Patriarcas e Profetas, pg. 666.

Como nosso espaço é limitado, não podemos entrar em detalhes sôbre êsses pontos, pelo que vamos restringir-nos.

Certa vez Atanásio Kircher, astrônomo, procurou convencer um amigo incrédulo de que o mundo não se fêz por acaso, mas teve por autor um Ente Supremo.

Colocou num canto da sala de visitas um magnífico globo em que estavam desenhados os continentes e os oceanos.

Chegou o amigo incrédulo e deu com os olhos no globo.

— Magnífico! exclamou; é obra sua, Atanásio?

— Qual o quê, respondeu o astrônomo.

— Pois quem é o autor?

— Ninguém, foi a resposta do astrônomo.

— Ninguém? repetiu o incrédulo. Diga-me por favor quem o fêz, pois é digno de todo o elogio.

— Acredite, disse o astrônomo, que êste globo não tem autor nenhum; apareceu aqui por acaso.

— Desculpe, disse o incrédulo um tanto enfadado; o Senhor tem-me por uma criança? não sou tão néscio que acredite no que o senhor diz.

— É verdade que não é uma criança, replicou o astrônomo; mas tem-me a mim por criança e por néscio, querendo persuadir-me de que o Mundo é obra do acaso. Se o senhor não pode acreditar que um tão pequeno globo se tenha feito por si mesmo, como quer obrigar-me a crer que o Universo com tôdas as suas maravilhas seja obra do acaso? Se para construir um globo tão pequeno se requer uma grande inteligência, para formar o Universo e conservar a maravilhosa harmonia entre o Céu e a Terra não se requer uma Inteligência Infinita?

Sim, porque "os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos" (Sl 19:1). Por isso mesmo os que das duas revelações que Deus deu ao homem — a Bíblia e a Natureza — só dispõem da segunda, estão sem desculpas desde que tenham olhos para ver e não vejam o Criador através das obras da Criação. Dêsses fala o apóstolo Paulo:

"A ira de Deus se revela do Céu contra tôda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porque o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre êles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder como também a Sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis". Rm 1: 18-20.

Como o matemático dispõe de certo número de algarismos para resolver problemas de Matemática e o escritor

dispõe das letras do alfabeto para escrever livros, assim Deus dispõe de pouco menos de cem elementos constantes do sistema periódico para formar tudo o que existe no Universo. Em cada um dos três casos, porém, é a inteligência que, visando um fim, combina os fatôres. O Universo, como um todo, não é outra coisa senão um problema solucionado de Matemática, problema cujos fatôres são combinados sob fórmulas conhecidas e exatas, em que o cego acaso se torna absolutamente inadmissível.

É mais fácil aparecer uma casa sem construtor, um relógio sem relojoeiro ou um livro sem escritor, do que um Universo, tão bem organizado e tão perfeito como êste, sem um Criador e Organizador inteligente. Por isso nenhuma mente sadia pode aceitar que do caos tenha nascido automàticamente a ordem, da matéria morta a vida, da não-inteligência a inteligência, do nada tudo, pois, cientìficamente falando, um efeito nunca pode ser superior à sua causa.

Como a limitada Ciência humana é apenas uma partícula da ilimitada Ciência de Deus, que é a origem de todo ser, de tôda ordem, de tôda atividade, de tôda vida, de tôda consciência, de todo progresso científico, as conquistas do saber humano, de que êste século se ufana, leva os verdadeiros cientistas a reconhecer-se devedores dAquele que, fonte do saber absoluto, lhes colocou na mente mais alguns reflexos da Sua sabedoria infinita.

Certa feita um capitão de navio, querendo zombar de um missionário cristão, que se achava no convés em palestra com outras pessoas, assentou seu binóculo e, olhando em várias direções, dizia não poder ver a Deus, pelo que negava Sua existência. Mas logo emudeceu quando o missionário abriu sua Bíblia e leu o texto que reza: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus". Mt 5:8. O instrumento com auxílio do qual podemos ver a Deus, não é o binóculo nem o telescópio; é, isso sim, a pureza de coração.

"Os limpos de coração", principalmente em se tratando de cientistas, "percebem o Criador nas obras de Sua poderosa mão, nas belas coisas que enchem o Universo". — E. G. White, O Maior Discurso de Cristo, pg. 31.

(Cont. da pág. 5)

discípulos buscaram impedir que seu Mestre o tocasse; pois aquêle que tocasse num leproso ficava também imundo. Mas, ao colocar a mão sôbre o morfético, Jesus não recebeu nenhuma contaminação. A lepra estava purificada. Assim se dá com a lepra do pecado — profundamente arraigada, mortífera, impossível de ser purificada por poder humano. "Tôda a cabeça está enfêrma, e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nêle coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres". Is 1:5, 6. Mas Jesus, vindo habitar na humanidade, não recebe nenhuma poluição. Sua presença era restauradora virtude para o pecador. Quem quer que Lhe caia aos pés, dizendo com fé: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo", ouvirá a resposta: "Quero: sê limpo".

Em alguns casos de cura, Jesus não concedia imediatamente a bênção solicitada. Mas no caso da lepra, mal o apêlo era feito, era ela concedida. Quando oramos por bênçãos terrestres, a resposta a nossa petição pode ser retardada ou Deus talvez nos dê uma coisa diversa daquela que pedimos; não assim, porém, quando oramos por libertação do pecado. É Sua vontade purificar-nos imediatamente do pecado, tornar-nos Seus filhos, e habilitar-nos a viver uma vida santa. Cristo "Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai". Gl 1:4. E "esta é a confiança que temos nêle, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a Sua vontade, Êle nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que Lhe fizemos". I Jo 5: 14, 15.

(*Continuação da pág.* 13)

Pedro tivesse tido preeminência entre os apóstolos. Conforme foram catalogadas pelo dr. Kenrick, arcebispo católico de S. Luis, EE UU, num discurso composto para ser pronunciado no Concílio do Vaticano, aquelas interpretações se agrumavam como segue: 1. A interpretação de que Pedro seja a rocha foi dada por dezessete padres, incluindo Cipriano, Leão o Grande, Jerônimo, Agostinho; 2. Que todo o colégio apostólico seja a rocha, foi admitido por oito padres, entre êles Orígenes, Cipriano, Jerônimo e Agostinho; 3. Que a confissão da divindade de Cristo, feita por Pedro, fôsse a rocha, por quarenta e quatro padres, contando-se entre êstes Gregório de Nissa, Crisóstomo, Hilário, Ambrósio, Agostinho; 5. Todos os cristãos que confessem ser Cristo o Filho de Deus. Baseado nessa lista, o arcebispo passa a dizer: "Se seguirmos os padres, um argumento de mesquinha probabilidade se pode retirar das palavras, de Mt 16:18, em abono do primado do bispo romano. Se nos limitarmos a seguir a maioria dos padres neste negócio, então seremos constrangidos a admitir como certo que pela *pedra* deve ser entendida a fé professada por Pedro, e não sua profissão de fé".

A carreira de Pedro após a ascensão de Cristo, conforme vem traçada no Novo Testamento, foi esta: durante os primeiros anos, Pedro teve lugar de proeminência entre os apóstolos, mas não de superioridade oficial. Presidiu no cenáculo e falou à multidão no dia de Pentecostes. Juntamente com João, saiu de Jerusalém para observar a obra em Samaria. Recebeu a mensagem no eirado, em Jope. Daí por diante, Pedro deixou de ser a principal personagem nas atividades da igreja. Novo período se abriu com o apostolado de Paulo — e dois terços do livro de Atos se ocupam de suas experiências e de sua carreira. Podemos, portanto, dizer com Lutero: "É claro como a luz do dia que, pelo Novo Testamento, Pedro foi um pescador e um apóstolo; mas não há uma palavra que indique que êle houvesse sido pôsto como chefe de tôdas as igrejas do mundo". — *Grund und Ursache,* pg. 409.

A FORMIGA E O HOMEM

Um dos escaravelhos parasitos mais notáveis é o *Lomechusa,* parasito da formiga escravocrata vermelha, *Formica rufa,* cuja história foi destrinçada pelo entomologista jesuita Wasmann. Não sòmente o escaravelho adulto vive explorando a gula das formigas, como também as suas larvas secretam uma substância igualmente apetitosa. As formigas tratam as larvas do escaravelho com mais carinho do que as suas próprias, e chegam mesmo a permitir que aquelas comam estas últimas. Como resultado dessa negligência das amas seduzidas pelo escaravelho, grande número de larvas das formigas perecem, enquanto outras, devido à má alimentação, dão origem a formas inúteis, intermediárias entre as operárias e as rainhas. Quando uma colônia da *Formica rufa* está suficientemente fascinada pelo escaravelho, *extingue-se inevitàlmente;* mas isso é raro, porque o parasito é pouco freqüente.

Essa perversão dos instintos maternais normais das operárias indica um grande poder de sedução nas secreções dos escaravelhos, comparável ao que possuem as bebidas alcoólicas em relação aos homens. A conduta das formigas é como se a mãe abandonasse a criança em troca da cachaça que ela sorvesse no corpo de alguma estranha criatura que tivesse a propriedade de secretá-la.

Essa condição reinante entre as formigas permite compará-las aos homens: tanto êstes como aquelas são escravos do vício com prejuízo para os filhos e final extermínio da raça.

——— / / ———

GENERALIDADES

O MAIOR ÓRGÃO DA AMÉRICA DO SUL

O maior órgão da América do Sul é o da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. Trata-se de um gigantesco instrumento de 4.518 tubos sonoros, com 64 registros reais e 32 mecânicos. Nêle se vêem 8 combinações em cada teclado, e 61 teclas em cada manual. Cêrca de 12.000 contatos (2.000 eletromagnéticos) asseguram o funcionamento dêsse órgão, que é alimentado por 2 eletroventiladores de capacidade superior a 600 metros cúbicos de ar por minuto. O ar circula através de tubos de madeira, de 150 metros de extensão, e alimenta 11 foles principais e 14 de compensação. Seus acordes ouvem-se a 2 quilômetros de distância.

O TRIGO

O trigo, depois do milho, é a mais antiga das plantas conhecidas. Sabe-se, que milhares de anos antes de Cristo, os chineses já possuíam grandes trigais. Na Baviera encontrou-se um cântaro de pedra, que continha trigo em grão. Após demorado exame chegou-se à conclusão de que êsse cereal aí estava de havia milhares de anos. Nos arredores de Sussex, na Inglaterra, membros da famosa Sociedade Arqueológica de Brighton descobriram um celeiro de trigo construído muito antes da fundação de Roma. Não se sabe ao certo de onde êsse cereal é originário. Anualmente, a produção mundial de trigo é superior a 200.000.000 de toneladas. Seus três maiores produtores são: Estados Unidos, China e Canadá.

O CAMALEÃO

Não é verdade que o camaleão tenha a faculdade inata de variar de côr, para se adaptar ao fundo. Há uma espécie dêles que muda de matiz, de quando em quando. Essa mudança, porém, nada tem que ver com a côr do objeto sôbre o qual o camaleão se acha. A mudança é involuntária: não depende do camaleão. As fôrças que lhe controlam a côr são as variações da luz, temperatura, etc.

"ÊLES" E "ELAS"

Sabe-se que os homens morrem antes das mulheres. Muito se tem falado e argüido sôbre êste assunto. Alguns diziam que o fato se devia a que o trabalho desgastava o homem. Mas, em igualdade de condições, repetia-se o fenômeno. Durante a guerra desceu o quociente da mortalidade masculina. Comprovou-se que esta segue paralela ao movimento de consumo de bebidas alcoólicas. Como durante a guerra se restringiu a produção de álcool, diminuiu a mortalidade masculina.

O CORAÇÃO

Menciona-se freqüentemente o coração como exemplo de trabalho incessante. Em realidade, o músculo cardíaco obtém um breve descanso entre cada pulsação, de modo que segundo cálculos fidedignos, trabalha nove horas por dia e descansa as outras quinze.

AS UNHAS

Influem sôbre o crescimento das unhas as estações, o estado de saúde e os alimentos. Não crescem por igual em todos os dedos nem na mesma mão. O crescimento anual é de uns quatro centímetros. Um homem de sessenta anos renovou as unhas umas 186 vêzes, e produziu 48 metros de unha durante sua vida.

COLECIONADOR

O famoso rei egípcio Tutankhamen, que reinou muito antes de Cristo, foi o maior colecionador de bengalas e chibatas de que há notícia. No túmulo dêsse Faraó encontraram-se ùltimamente centenas dêsses objetos.

Lar Ideal

Esta importantíssima obra é uma verdadeira fonte de sabedoria onde podem adquirir os mais valiosos tesouros de conhecimento todos os jovens que pretendem casar-se, os recém-casados e todos os pais de família que anelam entronizar em seus lares o alvo sublime da felicidade.

Ilustrado. Mais de trezentas páginas. Encadernado.

EDITÔRA MISSIONÁRIA "A VERDADE PRESENTE"
CAIXA POSTAL 10.007 — SÃO PAULO